

José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mato-grossense de Letras

O Sentido da Literatura Mato-grossense

Conferência feita no “**CENTRO MATO-GROSSENSE**” do Rio de Janeiro, a 13 de junho de 1936, pelo Desembargador **JOSE DE MESQUITA**, Presidente da **Academia Mato-grossense de Letras**.

Revista de Cultura
Ano X – Num. 116, Agosto – 1936
Págs. 64 a 70
Diretor: Pe. Thomas Fontes
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

JOSE DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

O SENTIDO DA LITERATURA MATTOGROSSENSE

DO AUCTOR:

Poesias	1919
Elogio histórico do Dr. Antônio Corrêa da Costa	1920
O Catholicismo e a Mulher (discurso)	1925
Elogio fúnebre do General Caetano de Albuquerque	1926
Terra do berço (poesias)	1927
A Cavalhada (contos)	1928
Um paladino do Nacionalismo (elogio acadêmico de Couto de Magalhães)	1929
Semeaduras do futuro (discurso paranyfal)	1930
Da Epopéa Mattogrossense (sonetos)	1930
O thumaturgo do sertão (Frei José Maria Macerata)	1931
Attentado contra a Justiça	1932
Espelho das almas (contos)	1932
João Poupino Caldas (ensaio histórico)	1934
Pela Boa Causa (conferencias)	1936

JOSÉ DE MESQUITA

Esta a segunda vez que, no espaço de doze annos, me é dado o prazer de falar nesta casa, que considero, por todos os títulos, um prolongamento da nossa, terra, dentro desta magnífica cidade, uma projecção de Matto-Grosso, no esplendor da grande metrópole brasileira.

Outro é o scenario, outros, na sua quasi generalidade, os actuaes directores desta benemérita instituição, mas eu presinto, através dessas differenciações exteriores, a mesma estrutura, a mesma essência, que faz palpitar todos os corações dos que aqui se reúnem, no perfeito isochronismo do amor á nossa gleba querida e na admirável consonância do mesmo espírito mattogrossense.

Quando, a 31 de Dezembro de 1923, a convite do illustre fundador deste Centro e seu então presidente, Dr. Mario Corrêa, fiz, na séde á rua da Carioca, uma palestra sobre cousas nossas, vi presidindo a sessão o nosso saudoso conterrâneo Dr. Antonio Azeredo, Vice Presidente do Senado, a quem ladeavam os demais membros da nossa representação federal e vultos do maior destaque social e político da colônia mattogrossense, muitos dos quaes já desaparecidos no vórtice da morte.

Hoje vejo á testa do Centro o meu velho amigo Generoso Ponce Filho, a quem efficazmente auxiliam Carlos Murtinho, José Leite Pereira e outros prestantes coestadoanos, empenhados na continuidade fecunda da obra dos que deram inicio a este trabalho salutar de divulgação e propaganda de nossa terra.

Agradeço-vos, esta oportunidade feliz que me proporcionastes de me sentir num ambiente lidimamente nosso, que me traz a grata illusão de achar-me na nossa querida Cuyabá, respirando a fragrância inigualável do nosso torrão natal.

A data que hoje comemoramos, é uma das maiores, e mais significativas da nossa historia, e fixando-a para a realização desta conferencia, como que predeterminastes o thema a ser escolhido, thema que eu denominei “o sentido da literatura mattogrossense”.

Esse sentido tem dois aspectos característicos, que o definem e completam — o da bravura e o da melancolia, decorrentes ambos de circumstancias históricas e mesológicas,

O SENTIDO DA LITERATURA MATTOGROSSENSE

que criaram para Matto-Grosso uma feição toda peculiar, dado o seu isolamento geográfico e a sua immensidão territorial.

Fructo da arrancada bandeirante da era setecentista, destinado a ser a vedeta solitária da Pátria nos confins austro-occidentaes, com uma vastíssima linha fronteiraça, que entesta com dois países estrangeiros, a predestinação de Matto-Grosso como que se traçou dentro desse binômio glorioso, que são o heroísmo e a resignação.

Esquecido do Centro, abandonado, no mais das vezes, á sua sorte, luctando, á mingua de recursos, contra elementos adversos de toda a espécie, Matto-Grosso, entretanto, não deixou um momento apagar-se essa flamma viva do nacionalismo e do amor ao Brasil, que lhe pontilha as gestas do Passado de paginas immortaes.

Toda a nossa Historia, desde a phase inicial das monções e das bandeiras, atravessando o período das guerras contra os payaguás e das luctas com os hespanhoes, até essa formidável campanha dos cinco annos contra o dictador de Assumpção, toda a nossa Historia se desenrola numa successão maravilhosa de factos invulgares, dentro desse diedro, em que se reflectem a valentia rija e máscula do soffrimento doce e communicativo.

Dahi a feição de nossa litteratura, impregnada profundamente desses dois sentimentos que, por assim dizer, norteiam e limitam toda a nossa actividade mental.

Oscilla entre o tom épico e o elegíaco o estro dos nossos poetas, do mesmo passo que a inspiração dos nossos prosistas procura, de preferênciã, motivos que se vão incrustar nas homeriadas luminosas do Passado ou na doçura melancólica dos themas subjectivos.

Já desde as chronicas primevas, em que um Barbosa de Sá ou um Costa Siqueira deixaram gravada a vida agitada e aspérrima dos povoadores, a mente se conturba ante o espectáculo rude e dramático das pugnas contra o indígena e os castelhanos oestinos, para se enternecer, depois, á narrativa das agruras de uma época em que, no dizer do memorialista, “tudo era gemer, chorar e morrer”.

JOSÉ DE MESQUITA

Dura e formidanda a refrega, rijo e ardente o cadinho em que se forjou o typo do cuyabano, caldeando raças muito diversas, numa fusão de qualidades impares, coragem, tenacidade, resistência, paciente esforço, animo viril diante das mais duras desillusões.

Em pagina das mais notáveis da sua preciosa obra *Matto-Grosso*, V. Corrêa Filho traça as linhas mestras da formação racial do cuyabano, a quem “competiu a incomparável missão histórica de fecundar, com o seu esforço, a terra maravilhosa com que os seus avós integraram a base physica da nacionalidade brasileira, distendendo-lhe as raias até a baixada guaporéana. E accrescenta, precisando os contornos dos seus pensamento: “A arrojada bravura dos conquistadores não desmereceu no heroísmo incessante, posto menos dramático, dos povoadores do sertão”.

Fazendo resahir, do mesmo passo, o sentido da bravura na historia e na alma da nossa gente, Rondon, figura typica de cuyabano, que todo o Brasil conhece e venera, assim se exprimiu na conferencia feita no Instituto Histórico de Matto-Grosso sobre a influencia de Cuyabá na evolução politica e histórica de Matto Grosso: “A nossa historia, cuiabanos, é um hymno começado a dois séculos e até hoje ainda não interrompido, á intrepidez, á perseverança, a intelligência e ao espírito de iniciativa da raça brasileira”. Recapitula, em synthese magnífica, os episódios heróicos que constellam a nossa historia, desde a entrada de Aleixo Garcia, ainda na éra cabralina, até os episódios épicos da guerra do Paraguay, revocando “os feitos e as figuras gloriosas daquelles heroes que foram Portocarrero, Oliveira Mello, Antonio João, Maria Coelho, Camisão, Leverger, Couto de Magalhães e tantos outros”. “Nessa ocasião, assignala elle, só Cuiabá ficou de pé e só por Cuiabá se não pode dizer que esta parte do território nacional deixou de ser, por alguns annos, brasileira”.

O SENTIDO DA LITERATURA MATTOGROSSENSE

Ainda a frisar esse aspecto impressivo dos attributos de coragem e abnegação da nossa raça, Philogonio Corrêa, em vibrante oração proferida na installação do mesmo Instituto, teve phrases como estas: “Mas por que trazer vos á memória as nossas conquistas pacificas, se a nossa historia militar, é, por si só, bastante para mobilizar o nosso Passado?”

Não são mais dignas de admiração essas mulheres carthaginezas que fabricaram com os seus cabellos as cordas das galeras pátrias, do que as 70 heroínas do forte de Coimbra, a fabricarem cartuchos para os bravos de Portocarrero, nas terríveis noites de Dezembro de 1864. A retirada dos 10.000 que Xenophonte perpetuou nas paginas do “Anabasis”, não é mais rica de glorias e de ensinamentos do que a retirada da Laguna, que Taunay gravou immoredouramente na memória do mundo inteiro. E eu não sei o que deva admirar mais, se a coragem spartana de Leonidas na defesa das Thermopylas ou o valor de Antonio João no martírio da colônia de Dourados”.

Essa mesma nota, que bem se pode dizer o *leit-motif* das nossas letras, transparece ao vivo nas obras dos que estudaram a phase anterior á entrada das bandeiras, como Antonio Corrêa da Costa no seu “Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangueras”, fazendo aflorar das densas sombras do Passado aquelles heróicos aventureiros ibéricos, que foram os primeiros a trilhar o solo de Matto-Grosso, e João Barbosa de Faria, que na sua excellente monographia “A conquista do território mattogrossense” nos mostra a fibra máscula desses pioneiros da civilização nas terras que Paschoal Moreira veio integrar á coroa lusitana.

Como não ser assim, Senhores, se o próprio cenário rude da natureza envolvente, as trágicas aventuras das conquistas, o choque homérico das raças, criaram essa estupenda projecção de coragem e resistência a todos os infortúnios que enforma a psyché mattogrossense?

JOSÉ DE MESQUITA

Lede as “Datas Mattogrossenses” de Estevão de Mendonça, valioso repositório de factos dantanho, e vereis que quasi todas as suas ephemerides se matizam de tons da bravura e de heroísmo. As nossas gestas militares, que tiveram a consagração de um General Malan, de um Genseric de Vasconcellos, de um Carlos de Campos, de um Herculano de Assumpção, são objecto de estudo por parte dessa plêiade de jovens officiaes, como Eudoro Corrêa, Frederico e Joaquim Vicente Rondon, Brocardo Bicudo, que, honrando a sua farda, enaltecem o nome da sua terra. Convergindo ao mesmo fim, Glycério Póvoas no seu “Vultos Mattogrossenses”, C. Vandoni de Barros em “Anna Mamuda”, Antonio Fernandes com “A invasão Paraguayana em Matto-Grosso”, ressaltam os predicados marciaes de que se ufana a nossa gente.

Se da prosa passarmos á poesia, os mesmos motivos épicos sobrelevam aos demais impressionantemente. É D. Aquino Corrêa, primaz de nossas letras, a celebrar no “Terra Natal” os Capitães Generaes, desde Rolim “tempera de aço affeito a luctas”, até Luiz de Albuquerque,

**“nome rutilo que encerra
toda epopéa audaz dos legendários
Capitães-Generaes de minha terra”**

E vemos desfilar ante os nossos olhos as imagens de Antonio João, o heróe de Dourados, Cunha e Cruz, que morre, envolto na bandeira da Pátria,

“em seu sangue de heróe toda banhada”.

Mello, o bravo, o guia immortal da retirada do Sará; Baptista das Neves, figura extraordinária de martyr da disciplina e do dever, e tantos mais que seria impossível enumerar.

Ao lado do grande aedo cuyabano, outros cantores se enfileiram, exalçando as glorias mattogrossenses, bastando o nome dos seus trabalhos para vos fazer ver o assumpto: é o “Combate do Alegre” e “Dourados”, de Antonio Tolentino de

O SENTIDO DA LITERATURA MATTOGROSSENSE

Almeida; é o “13 de Junho”, de Pedro de Medeiros; é o “Rondônia”, de José Vilá; é o “Da Epopéa Mattogrossense”, de José de Mesquita — todo um cyclo de heroísmos e de acções destemerosas e nobres, que bastariam a sagrar uma raça...

Ao lado da bravura, a melancolia. Ellas como que se integram se fundem, se amalgamam, para formar o substracto psychico do mattogrossense de hoje. É por isso, uma feição peculiar, typica, inconfundível das nossas letras. Toda a obra mattogrossense, seja de ficção ou observação, se impregna viva e profundamente dessa doce tristeza, feita de amargura e conformação, que parece constituir o pigmento de nossa espiritualidade. Nós temos, mais accentuados talvez do que quaesquer outros, aquelle “habito mental das distancias”, de que ha pouco falou o poeta gaúcho Waldemar de Vasconcellos.

Elle nos vem do tempo em que os nossos avós venciam, em viagens de longos meses, o sertão immenso, ao passo tardo das tropas. Pesa sobre a nossa gente aquella “sensibilidade implacável, que engrandece e deforma as cousas, que exalta e deprime o espirito”; no dizer de Graça Aranha. Os nossos poetas não são dyonisiacos, a sua musa foge ás expansões ruidosas, e ama, antes, a penumbra discreta dos interiores velados, cheios dessa tonalidade outoniça e crepuscular. Ha na poesia mattogrossense um profundo senso humano e christão. A própria inspiração dos nossos prosadores, jornalistas e até dos tribunos, está toda tocada dessa nota característica. Sentimos ao vivo a magua secular do nosso insulamento e do abandono a que temos sido votados.

Disse eu, certa feita, pelas columnas do jornal que dirijo, que Matto-Grosso tem sido, não um filho, mas um enteado da União. Esse mesmo conceito, vasado em outras palavras, foi exarado na na Assembléa Nacional Constituinte pelo então “leader” da bancada, o Deputado Generoso Ponce, ao affirmar: «Nós, mattogrossenses, pomos o nosso amor ao Brasil acima do nosso natural apego ao solo natal.

JOSÉ DE MESQUITA

Tudo, que em nossas forças tem sido possível, temol-o dado ao paiz. Na guerra, demos o sangue dos nossos maiores, que defenderam, palmo a palmo, o solo mattogrossense, da invasão estrangeira. Na paz, temos trazido a nossa contribuição dentro das nossas forças, e nada termos recebido na proporção dos nossos esforços». É como se vê, uma exprobração de filho esquecido, sem azedume, apenas um desabafo que não chega a ser uma censura. Mas, força é convir, um desabafo justo e razoável. Matto-Grosso que deu á Pátria gigantes da estatura moral ou intellectual de um Antonio João, de um Baptista das Neves, de um Joaquim Murтинho, de um Corsino do Amarante e tantos mais; Matto-Grosso, que, no período colonial, integrou ao Brasil a lindeira do Oeste e, no regime monarchico, foi o anteparo ás investidas lopesinas, fazendo de muralhas o peito heróico dos seus filhos, não consegue, entretanto, ser mais do que a “ficção geographica” com que se divertem os humoristas da imprensa litorânea, quando não é considerada a grande Bororolandia, povoada de índios, feras e jagunços....

Senhores:

Quem já perlustrou o nosso sertão, terá sentido, vivamente, na zona das taperas, que circunda a Capital, serra-acima e serra-abaixo, esse, travo de serena melancolia, que desperta a visão dos esplendores extinctos. No «Terra Natal» de D. Aquino, par a par com a corda épica, plange, suave e delicada, a elegiaca, em *Boquadi*, a virgem dos *Boróros*, por quem suspiram

“estas flores,
Estes rios e bosques gemedores
A brisa e a fonte, e garça e a juryty”

ou ainda naquelle admirável poemeto *Rio das Mortes*, em que ha estrophes assim:

O SENTIDO DA LITERATURA MATTOGROSSENSE

**“Hoje, lá no abandono da capoeira,
Nos esteios sombrios de aroeira,
E das catas na tétrica mudez,
O índio ao viajante mostra apenas,
Mais uma tumba de ambições terrenas,
A tapera fatal dos Araés.**

.....

**Elle (o rio) só ama a estridula algazarra
Das selvagens araras e a bizarra
Coloração dos bandos a voar.
Elle só ama ao filho das floresta,
E o bárbaro clangor das suas festas,
Pela calada imensa do luar”.**

A tapera, de resto, é um thema quasi obrigado para os nossos vates. Cantam-na D. Aquino, Lamartine, Tolentino, Mesquita. É o reverso da medalha. É, a outra face da vida: a gloria pretérita, os fulgores dantanho, á luz dum presente de declínio e de saudade, “ruínas desfeitas ou ainda em realce com pergaminhos na Historia”, na feliz expressão de Alberto Rangel.

Prima na modelagem dos nossos trabalhos de arte o escopro divino do soffrimento, produzindo obras de penetrante melancolia, mordidas, ás vezes, de leve cunho sarcástico. Cesário Prado, o artista subtil do “Caminhos da vida” e “Pássaros soltos” formoso espírito de traços a Amiel, que a burocracia vem impiedosamente roubando ás letras, percute essa feição da nossa litteratura no elogio acadêmico do seu patrono — Vieira de Almeida. De resto, tanto o acadêmico, quanto o paronymho, serviriam á demonstração objectiva da these da predominância do chamado gênero pessoal nas nossas letras.

A mesma delicadeza de tons, que Cesário emprega nos seus contos e chronicas, a mesma doçura melancólica, a mesmo travo de desillusão magoada, se observa no escriptor de “Antonietta”, no admirável artista que fixou em Rosaria um typo, marcante da nossa obra de

JOSÉ DE MESQUITA

ficção e herdou-nos telas humanizadas como aquella, em que descreve o velho leprosário cuyabano, “no coração agreste do cerrado, em que recorta, abrupta e pedregosa, a estrada que passa para a Lavandeira”. Ouvi este trecho em que Cesário Prado exalta á sua maneira typica “O symbolo de Assis”: “No exame de tua intelligencia, da tua vontade singular e da tua extremada sensibilidade, parece que se apequenam os montes da Umbria perante os cumes das tuas virtudes, e os valles como que se cerram mais profundos, perante os mysterios da tua vida”. E mais adiante, insistindo na nota da sensibilidade, que é, sem duvida, a que mais o impressiona:

“Commovente a tua sensibilidade como fonte inesgotável, donde te jorrava o immenso amor por todas as criaturas, que a todas buscavas, com braços abertos, em apello fraterno”.

Um grande poeta nosso, que encarna, melhor que nenhum outro, o romantismo em Matto-Grosso, José Thomaz de Almeida Serra, cuja obra já. teve a consagração de dois bellos talentos, Cesário Neto e Olegário de Barros, deixou escripto que

**“neste valle de lagrimas, o riso
do prazer é reflexo indeciso
e á dor também se a faz o coração”,**

É certo que o coração e o espírito da nossa gente cultivam literariamente a dôr, não essa dôr artificial e piegas, attitude para simples effeito e sem sinceridade, mas aquella que se entranha fundo e vivo no próprio subsolo do ser, dôr atávica, que nasce do nosso humus vital, “melancolia que fecunda o sonho”, como bem conceituou Cesário Neto.

Quasi todos os nossos escriptores, antigos ou hodiernos, possuem ao lado dessa “nota cívica despertada em cantos patrióticos” essa outra “inspiração delicada do sentimento intimo do lar”, que Alcindo de Camargo precisou com raro senso critico no seu estudo sobre Franklin Cassiano, o delicado

O SENTIDO DA LITERATURA MATTOGROSSENSE

poeta de “Renascimento” e de “Chana”. Assim poderíamos exemplificar em Maria de Arruda Müller, que canta “Cuiabá”, num vibrante epinício, para, logo após, dar asas ao seu lyrismo subjectivo em “Melancolia”; Oscarino Ramos e Ovidio Corrêa, que casam na “A cruz de Urbietá”, e no “O berimbau do veterano” as duas feições, épica e elegíaca; Francisco Mendes, evocador das glórias diamantinas e, ao mesmo tempo, aquarelista de contos de raro poder emotivo; Tolentino de Almeida, o mesmo que exalta as glórias de outrora e traceja a tragédia obscura, mas extraordinária, da “Índia Rosa” José Vilá que, a par da epopéa rondoniana, nos dá em “Destino das quatro paredes” uma obra prima, quasi camoneana na forma e na sensitividade; Allyrio de Figueiredo, que celebra o “Brasil” num soneto magistral e escreve aquelles simples “Poemas ruraes” de tocante emoção; e, tantos outros, que não fôra possível arrolar, pois que se trata, no caso, é bem de ver, não duma relação completa de auctores, mas sim de uma simples exemplificação das assertivas contidas nesta conferencia.

Entre os representantes da nova geração, quero, entretanto, referir um, Cavalcanti Proença, na sua poesia typica “Xaraés” em que exalça

**“O impulso ardente
de heroísmo, que o teu lethargo encerra,
porque tu és, ó Xaraés, no poente,
o rubro coração de minha terra”**

para, em seguida, evocar a figura do novo bandeirante que

“procura os lados de Ararituaba”

e de quem

**ainda hoje se presente
a sua alma a chorar cheia de maguas
no grito ansioso da arancuan nubente”.**

Senhores:

A nossa literatura, embebendo as suas raizes no passado ancestral, é bem como essa flora do sertão, crescendo ao sol

JOSÉ DE MESQUITA

dos trópicos, numa nativa feracidade, dispensadora de tratos e adubos. Milagre de resistência moral, prodígio de amor eterno a arte, as letras mattogrossenses podem representar-se naquella “chimbuveira verde e ramalhuda”, de Lamartine Mendes:

**“alma de heroe...
sensível ás caricias desta vida,
impávida ante o frêmito da morte”.**

ou naquella outra imagem, que Rosario Congro fixou, ao descrever, em lindos versos, a paisagem ribeirinha de Cuyabá:

**“soberana
uberrima de vida,
a colossal figueira bracejando,
sobre a immensa planura,
dos vendavaes de um século se ufana”.**

O homem de letras em nessa terra, aquelle que, recebeu dos fados essa predestinação gloriosa e amarga, é bem essa arvore isolada á beira-rio, vendo ora as aguadas immensas do pantanal se estenderem sob o céu plumbeo, ora os praias gaios e claros se povoarem, na vazante, do vôo álaçre dos pássaros ou das cantigas melancólicas dos pescadores...

Senhores:

Ninguém melhor do que o Visconde de Taunay, o grande escriptor que se ligou para todo o sempre a Matto-Grosso, através da sua obra immorredoura, espelhou ao vivo essa dúplici feição que constitue o sentido da nossa literatura – a épica, na “Retirada da Laguna”, paginas de heroísmo sem par, que o mundo todo admira, e a elegíaca, em “Innocencia”, idyllio inigualável e tragédia commovente, em que palpita toda a alma ingênua e sensitiva da mulher mattogrossense.

Vive assim a nossa literatura confinada entre esses dois limites, arrastada por esses pendores que ora a levam aos surtos heróicos dum Passado cheio de lances de gloria e de bravura,

O SENTIDO DA LITERATURA MATTOGROSSENSE

ora a mergulha na tristeza das solidões sertanejas, mas sempre criando, no sortilégio eterno da Poesia, no prodígio divino da Arte, visões de encanto e de beleza, inspirada por um alto senso humano mas tocada sempre de verdadeira, pura e sã brasilidade.

Senhores:

Penso enfeixar os pensamentos desta palestra, no soneto que escrevi, ha tempos, suggestionado pelo destino histórico, que Deus parece haver traçado para a nossa terra, “no esplendor magnífico da sua gloria ou na aureola suprema do seu martyrio:

**Como és digno de amor, ó meu torrão fagueiro,
Se teus idos evoco ou teu porvir escruto,
E's a mais bella flor do sertão brasileiro,
Da flora tropical o mais sávido fructo.**

**Venceste, sempre só, mais dum prélio guerreiro,
E, qual nova Camilla, ante o inimigo bruto,
Ninguém jamais domou teu pudor altaneiro
E ainda foste em socorro aos teus irmãos de lucto.**

**Por tua tradição – um luar de saudade,
Por teu presente – sol que entre nimbos rebrilha
E pelo teu futuro – a jorrar claridade,**

**Soffrendo, resignada, os revezes da sorte,
Brava como um leão, doce como uma filha,
Inspiras, mais que orgulho, amor sublime e forte!**

Nota: Este texto foi também publicado na *Revista das Academias de Letras* – Ano III – Março de 1939 – nº 8, Rio de Janeiro.